



**GT- 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação**

**ISSN 2177-3688**

**TEORIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO: UM CONCEITO, UMA TEORIA**

***CRITICAL THEORY OF INFORMATION: A CONCEPT, A THEORY***

**Anderson Victor Barbosa Cavalcante** – Universidade Federal da Paraíba

**Edivânio Duarte de Souza** – Universidade Federal de Alagoas

**Leilah Santiago Bufrem** – Universidade Federal de Pernambuco/Universidade Federal do Paraná

**Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** Apresenta a Teoria Crítica da Informação como alternativa teórica complementar à Teoria Matemática da Informação. Realiza estudo teórico, de caráter epistemológico, subsidiado pela hermenêutica. Objetiva entender a Teoria Crítica de Frankfurt como fundamento filosófico-sociológico para a construção de uma Teoria Crítica da Informação. Para tanto, identifica as duas principais categorias conceituais do grande “guarda-chuva” teórico-conceitual chamado Teoria Crítica (da Escola de Frankfurt): Teoria Tradicional e Teoria Crítica. Relaciona a Teoria Tradicional e a Teoria Crítica, respectivamente, à Teoria Matemática da Informação e à Teoria Crítica da Informação, teorias válidas em Ciência da Informação. Discute o “lugar” da tradição da Teoria Crítica no âmbito das Ciências Sociais Aplicadas, notadamente, no contexto da Ciência da Informação. Reconhece o papel e o significado da Teoria Crítica como fundamento filosófico-sociológico de profunda relevância para o pensamento contemporâneo da Ciência da Informação. A partir dessas discussões, desenvolve uma proposição de conceito de uma Teoria Crítica da Informação para o campo da Ciência da Informação, com base nos delineamentos da Teoria Crítica de Frankfurt. Conclui destacando que a Teoria Crítica da Informação busca *innovar, atualizar e ampliar* os horizontes na *forma de ler, ver e entender* a informação, as coisas do campo e a própria Ciência da Informação, tudo em bases dialéticas, dialógicas e emancipatórias, muito além de projeções fisicalistas, tecnicistas e positivistas.

**Palavras-chave:** Epistemologia da Ciência da Informação; Teoria Matemática da Informação; Teoria Crítica da Informação.

**Abstract:** It presents the Critical Theory of Information as a complementary theoretical alternative to the Mathematical Theory of Information. Performs a theoretical study, of an epistemological nature, subsidized by hermeneutics. It aims to understand Frankfurt's Critical Theory as a philosophical-sociological foundation for the construction of a Critical Theory of Information. To do so, it identifies the two main conceptual categories of the great theoretical-conceptual “umbrella” called Critical Theory (from the Frankfurt School): Traditional Theory and Critical Theory. Relates the Traditional Theory and the Critical Theory, respectively, to the Mathematical Theory of Information and the Critical Theory of Information, valid theories in Information Science. It discusses the “place” of the

Critical Theory tradition within Applied Social Sciences, notably in the context of Information Science. Recognizes the role and significance of Critical Theory as a philosophical-sociological foundation of profound relevance to contemporary thinking in Information Science. From these discussions, it develops a concept proposition for a Critical Theory of Information for the field of Information Science, based on the outlines of the Frankfurt Critical Theory. It concludes by highlighting that the Critical Theory of Information seeks to innovate, update and expand the horizons in the way of reading, seeing and understanding information, field things and Information Science itself, all on dialectical, dialogic and emancipatory bases, far beyond physicalist, technicist and positivist projections.

**Keywords:** Epistemology of Information Science; Mathematical Information Theory; Critical Information Theory.

## 1 TEORIA CRÍTICA PARA O NOSSO CAMPO E O NOSSO TEMPO: REFLEXÕES INICIAIS

“Um dos pontos mais importantes da atualidade é focarmos no desenvolvimento de habilidades de análise crítica” (HARARI, 2021, s/p). “Pensamento crítico, uma das habilidades essenciais para economias e sociedades complexas, globalizadas e cada vez mais digitalizadas” (OCDE, 2019, s/p). “Dominar o pensamento crítico, uma das principais habilidades a serem desenvolvidas pelos profissionais” (FEM, 2023, s/p). “É preciso formar mentes críticas em tempos críticos” (NOLETO, 2021, s/p). “É preciso desenvolver o senso crítico dos educandos” (MORIN, 2014, s/p). “As universidades são uma fonte de perspectivas críticas” (BUTLER, 2020, s/p). “Hoje, metade do mundo está online. É um momento para celebrar o quão longe chegamos, mas também uma oportunidade para refletir criticamente sobre o quanto ainda temos que percorrer” (BERNERS-LEE, 2019, s/p). “Esta inteligência artificial é um ataque ao pensamento crítico” (CHOMSKY, 2023, s/p). “O que as pessoas em geral realmente precisam é desenvolver uma mente crítica” (HARARI, 2018, p. 231). “Espero que [se] leve a uma visão de Ciência da Informação apropriada a este século, que busca mais do que nunca um lugar onde possa ser reconhecida criticamente” (CAPURRO, 2020, p. 16). “Pensar social e crítico, pensar a teoria da informação como inseparável dos processos sociais, econômicos e políticos dos processos comunicacionais e informacionais” (CAPURRO, 2019, s/p).

Tudo isso são frases, excertos e paráfrases de indivíduos e organizações, filósofos e pensadores, cientistas e educadores, clássicos e contemporâneos, um resumo de tudo o que direta e indiretamente toca e/ou dialoga com a Teoria Crítica. Todos, sem exceção, cada um

ao seu modo e ao seu tempo, porta-vozes de ideias e de ideais que nos fazem entender a necessidade do olhar crítico, do pensar crítico, do espírito crítico, da postura crítica, da reflexão crítica, da autocrítica, e, por extensão, de tudo o que direta e indiretamente toca e/ou dialoga com a Teoria Crítica, em todos os campos e tempos. Inclusive junto à Ciência da Informação, em particular, com a Teoria Crítica da Informação, com seu potencial para iluminar questões e desafios de nosso campo e de nosso tempo.

A Teoria Crítica da Informação, em termos amplos, busca discutir sem abandonar, avançar sem diminuir os feitos e efeitos da Teoria Matemática da Informação. Contudo, aquela busca ser mais e ir além desta. Teoria Crítica da Informação visa ser alternativa complementar desta. A rigor, Teoria Crítica da Informação busca inovar, atualizar e ampliar os horizontes na forma de ler, ver e entender a informação, as coisas do campo e a própria Ciência da Informação. Tudo em bases dialéticas, dialógicas e emancipatórias, muito além de projeções fisicalistas, tecnicistas e positivistas.

Distantes de pretensões definitivas e inexoráveis, esforçamo-nos com este estudo, oriundo de tese de doutorado (CAVALCANTE, 2023), a pensar e a problematizar o papel e o significado da Teoria Crítica da Informação junto à Ciência da Informação. Enveredamo-nos em discutir e reflexionar a Teoria Crítica da Informação como alternativa teórica complementar à Teoria Matemática da Informação – Teoria Crítica da Informação de base na Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, no âmbito da Ciência da Informação. Lançamo-nos a desenvolver e apresentar uma proposição de conceito de Teoria Crítica da Informação a este campo de conhecimento.

Com base nisso, indo além, lançamo-nos a indagar: que lições nos cabe tirar da Teoria Crítica, e de sua versão informacional, da Teoria Crítica da Informação, ante questões e desafios de nosso tempo e de nosso campo, questões e desafios que não param, que não cessam? Que lições nos cabe tirar da Teoria Crítica da Informação ante questões e desafios tais como o obscurantismo, o revisionismo, o negacionismo, as *fake news*, a pós-verdade e a desinformação, entre outros, que desafiam nosso tempo e nosso campo? Estas e outras questões em torno do cenário em que se situam as articulações entre Teoria Crítica, Teoria Crítica da Informação e Ciência da Informação na atual conjuntura requerem reflexão e merecem investigação, cada vez mais inadiáveis e indispensáveis.

Em termos metodológicos, fundamentamo-nos na pesquisa *teórica* (DEMO, 2004), de caráter *epistemológico*, na perspectiva bachelardiana (BACHELARD, 1974), valendo-nos das possibilidades da *hermenêutica*, na perspectiva habermasiana (HABERMAS, 1987).

## 2 DA TEORIA TRADICIONAL À TEORIA MATEMÁTICA DA INFORMAÇÃO

Como típico a todo campo científico, a história intelectual da Ciência da Informação é marcada por tradições e travessias teóricas, por teorias clássicas e emergentes, por teorias dominantes e promissoras junto ao campo informacional. Dentre as ditas teorias clássicas e/ou dominantes do campo, situa-se a Teoria Matemática da Comunicação. Para alguns de Ciência da Informação, simplesmente Teoria Matemática da Informação – assim tratada nas linhas a seguir.

Como próprio a toda obra clássica, obra universal e atemporal, para qual se recorre e retorna, sobre a qual se lê e relê, da qual surge algo novo a cada leitura nova, diria Ítalo Calvino (CALVINO, 1993), assim é a Teoria Matemática da Informação – obra da qual, não raro, se evoca algo a cada leitura nova.

É possível ler, dentre as leituras possíveis, as origens da Teoria Matemática da Informação (SHANNON; WEAVER, 1949) associadas direta e/ou indiretamente às origens da Teoria Tradicional (HORKEIMER, 1975). Isso porque, em termos amplos, ambas possuem influências teóricas comuns. Ambas são direta e/ou indiretamente fundadas por influências teóricas que dialogam e/ou remontam ao pensamento cartesiano e ao positivismo, ou seja, às bases de sustentação da Teoria Tradicional. (FUCKS, 2009; BEZERRA, 2019, 2020).

Nesses termos, direta ou indiretamente influenciada pela Teoria Tradicional/Cartesiana/Positivista (HORKEIMER, 1975), a Teoria Matemática da Informação (SHANNON; WEAVER, 1949), em Ciência da Informação, se caracteriza como debitária de uma clássica e dominante tradição teórica, que vai de Descartes a Comte, de Mach a Popper, e assim por diante (FUCKS, 2009; BEZERRA, 2019, 2020).

A Teoria Matemática da Informação, exprime, em linhas gerais, uma teoria basicamente voltada à troca de sinais entre emissor-canal-receptor, numa dada situação de

comunicação. Trata-se de uma teoria assentada numa visão “fiscalista”, “finita”, “eficiente”, “mensurável” e “quantificável” da transferência de informação de um ponto a outro – sua base e objetivo central (SHANNON; WEAVER, 1949). Ao se pensar nessa deve se ter em mente de que se está diante, dentre outras coisas, de uma teoria que se pretende e/ou se reduz à aplicação técnica/objetiva/neutra de troca de sinais.

O problema fundamental da comunicação é reproduzir em um ponto exatamente ou aproximadamente uma mensagem selecionada em outro ponto. Frequentemente as mensagens têm significado; isto é, elas se referem ou são correlacionadas a algum sistema com certas entidades físicas ou conceituais. Esses aspectos semânticos da comunicação são irrelevantes para o problema de engenharia. (SHANNON; WEAVER, 1949, p. 31, grifo nosso, tradução livre).

Em tempo algum e/ou dificilmente essa teoria se pretende a algo para além dos domínios do instrumental, do mensurável, do quantificável, do técnico e do eficaz. Tudo e/ou talvez tudo em matéria de Teoria Matemática da Informação se reduz aos domínios e aos limites das tecnicidades e das probabilidades envoltos à problemática da informação/comunicação de então, pós-1945. Ela é tratada por alguns como unidimensional, de direção e interesse pré-determinado, finalista e instrumental. Dito isso, em tempo algum se está a fazer juízo de valor, a abandonar ou mesmo a diminuir a Teoria Matemática da Informação, cujos feitos e efeitos são públicos e notáveis, ao seu modo e ao seu tempo. Na verdade, o que se está a fazer é uma espécie de caracterização dessa, apresentando do que é feita, em que bases se apoia e que fronteiras e limites ela possui.

Em sendo assim, em termos de fundamentos, ao se pensar em Teoria Matemática da Informação, deve se ter em mente de que se está diante de um quadro teórico que se pretende objetivamente comprometido com a “precisão” e a “eficácia”, a algo voltado ao

campo do técnico, neutro e útil. Complexo teórico, direta e/ou indiretamente, forjado sob a influência de releituras de teorias fundamentais, dentre as quais, o cientificismo, a ciência dedutiva e o positivismo, fundado sob a influência de releituras de pensadores como Descartes, Comte, Popper e outros. (HORKEIMER, 1975; FUCKS, 2009; BEZERRA, 2019, 2020).

Em síntese, sugere-se pensar as seguintes tessituras desta teoria: Teoria Tradicional + Teoria cartesiana/positivista + Lógica das ciências naturais/exatas + Ciência especializada, objetiva e neutra + Colonização da lógica das ciências naturais/exatas sobre as ciências humanas e sociais + Teoria matematizante/fisicalista + Teoria unidimensional + Lógica pré-determinada, finalista, instrumental + Ciência da Informação Tecnicista + Informação-como-coisa + Cientista da informação técnico/neutro + Separação entre ser e dever ser + Separação entre objetivo e subjetivo + Separação entre dimensão técnica, dimensão ética e dimensão emancipatória = Teoria Matemática da Informação. Essa equação ergue-se como possibilidade para entender o “X” da questão que fundamenta o interesse, a atuação e a concepção dessa teoria.

Alguns críticos da Teoria Matemática da Informação a opõem à Teoria Crítica da Informação (FUCKS, 2009; BEZERRA, 2019, 2020). Para eles, essas teorias são simetricamente distintas. Aqui, porém, ambas são entendidas como teorias complementares. Em nosso sentir, a Teoria Crítica da Informação ergue-se como projeto alternativo complementar à Teoria Matemática da Informação. Noção crítica de teoria cuja gênese e o desenvolvimento, direta e/ou indiretamente, dialoga e/ou remonta às origens da filosofia contemporânea, notadamente, à Teoria Crítica da Escola de Frankfurt.

### **3 DA TEORIA CRÍTICA À TEORIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO**

Um “espectro da Teoria Crítica ronda a Ciência da Informação brasileira” (BEZERRA, 2018, p. 180). Iniciamos a discussão sobre os vínculos diretos e/ou indiretos entre Teoria Crítica e Teoria Crítica da Informação, no âmbito da Ciência da Informação, tomando de empréstimo estas palavras de Bezerra (2018). De fato, tal passagem encontra eco na realidade do campo, sobretudo no Brasil, ainda que os números apontem que se possa ir

além. Apesar de “rondar” o campo, a Teoria Crítica da Informação possa ser mais, possa deitar raízes mais sólidas, firmes e/ou sustentadas junto à Ciência da Informação.

Aqui chegados, deve-se ter clareza de que, daqui em diante, ao versar sobre Teoria Crítica da Informação, se está tratando daquela influenciada pela Teoria Crítica da Escola de Frankfurt (HORKHEIMER, 1975), considerada o cânone da Teoria Crítica ocidental (MARTELETO, 2019). Tal esclarecimento se faz necessário porque se reconhece que, neste campo de estudo, se observa um amplo arco e/ou quadro de outras “teorias críticas” válidas (ARAÚJO, 2018; BEZERRA, 2019; CAPURRO, 2019; MARTELETO, 2019; SALDANHA, 2019).

A Teoria Crítica da Informação, sob a égide da Teoria Crítica de Frankfurt, busca discutir sem abandonar, avançar sem negar, os feitos e efeitos da Teoria Matemática da Informação, cujos ombros de gigante, de teoria gigante, fizeram a Teoria Crítica da Informação ver mais longe, parafraseando Newton (1675). Contudo, esta busca ser mais e ir além, apresentando-se como alternativa àquela. Teoria Crítica da Informação busca inovar, atualizar e ampliar os horizontes na forma de ler, ver e entender a informação, as coisas do campo e a própria Ciência da Informação, em bases dialéticas, dialógicas e emancipatórias, além de projeções fisicalistas, tecnicistas e positivistas. (FUCKS, 2009; BEZERRA, 2019, 2020).

Dentre as consideradas teorias emergentes e/ou promissoras do campo, situa-se a Teoria Crítica da Informação. Isso porque, em termos amplos, possui influências teóricas comuns. Ambas são direta e/ou indiretamente fundadas por influências teóricas que dialogam e/ou remontam ao pensamento marxista e/ou marxiano, ou seja, à base de sustentação da Teoria Crítica canônica (FUCKS, 2009; BEZERRA, 2019, 2020).

Nesses termos, influenciada pela Teoria Crítica/Dialética/Dialógica (HORKHEIMER, 1975), a Teoria Crítica da Informação (FUCKS, 2009; BEZERRA, 2019; MARTELETO, 2019), em Ciência da Informação, se caracteriza como devedora de uma contemporânea e – em Ciência da Informação – “emergente” tradição teórica, que vai de Marx à Escola de Frankfurt, e assim por diante. (FUCKS, 2009; BEZERRA, 2019, 2020).

Epistemologicamente, grosso modo, Teoria Crítica e Teoria Crítica da Informação guardam muitos pontos de contato. Ambas se pretendem dialéticas, dialógicas,

interdisciplinares, abertas a numerosos contatos. Uma e outra se pretendem serem teorias antidominação (projeto marxista), teorias interdisciplinares da sociedade (projeto horkheimiano), teorias antisistêmicas (projeto adorniano), teorias críticas atualizadas da sociedade (projeto habermasiano). Ambas pretendem tecer teorias críticas para (re)pensar e (re)discutir a vida em coletividade ante aos avanços do capitalismo avançado, em temas que atravessam dos blocos econômicos às estruturas infocomunicacionais das sociedades, entre outros aspectos. (HORKHEIMER, 1975; BEZERRA, 2019, 2020; FUCHS, 2009).

Em síntese, sugere-se pensar as seguintes tessituras desta teoria: Teoria Crítica + Teoria marxista/dialética/dialógica + Lógica das humanidades + Ciência interdisciplinar, (auto)crítica e ético-consciente + Emancipação das ciências humanas e sociais + Teoria crítico-emancipatória + Teoria pluri/interdimensional + Lógica voltada a ações autônomas, fins coletivos e emancipatórios + Ciência da Informação (Auto)Crítica + Informação-para-emancipação + Cientista da informação (auto)crítico/ético-consciente + Integração entre ser e dever ser + Integração entre objetivo e subjetivo + Integração entre dimensão técnica, dimensão ética e dimensão emancipatória = Teoria Crítica da Informação. Esta equação ergue-se como possibilidade para entender o “X” da questão que fundamenta o interesse, a atuação e a concepção dessa teoria.

Em suma, de parte a parte, Teoria Matemática e Teoria Crítica possuem visões profundamente distintas e/ou complementares de Ciência da Informação, de Cientista da Informação, de Informação, de mundo. Sobre Ciência da Informação, enquanto a Teoria Matemática percebe o mundo e a ciência pelas lentes exatas e das ciências da natureza, a Teoria Crítica percebe o mundo e a ciência pelos horizontes das ciências humanas e sociais. Sobre teoria informacional, enquanto a Teoria Matemática entende teoria como hipótese que se reduz à aplicação técnica/objetiva/neutra do saber, a Teoria Crítica entende teoria como *lócus* que integra dimensão técnica e dimensão emancipatória do saber. Sobre Cientista da Informação, enquanto a Teoria Matemática percebe o cientista como um técnico, objetivo e neutro, a Teoria Crítica o percebe como indivíduo consciente de sua

tarefa social e das condições que determinam sua atividade, dentre outras. (HORKHEIMER, 1975; BEZERRA, 2019, 2020; FUCHS, 2009).

#### **4 TEORIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO: UM CONCEITO, UMA TEORIA, NO MUNDO E NO BRASIL**

Conforme visto em passagens anteriores, é plausível sugerir, embora seja difícil precisar, as origens da Teoria Crítica da Informação, sua teoria e seu conceito, seja na literatura nacional e/ou internacional de Ciência da Informação.

A rigor, Teoria Crítica da Informação constitui uma linha de investigação em Ciência da Informação alternativa à Teoria Matemática da Informação. Aquela busca superar as limitações desta, por meio das bases teórico-metodológicas da Teoria Crítica, teoria associada à Escola de Frankfurt. Recorre a ela para reassentar o papel e o significado da informação, das coisas do campo e da própria Ciência da Informação em outras bases, dialéticas, dialógicas e emancipatórias, muito além de projeções fiscalistas, tecnicistas e positivistas, mais identificadas a esta.

No mundo, segundo alguns, a travessia para a Teoria Crítica da Informação em Ciência da Informação encontra inspiração a partir de estudos dos idos dos anos 1970. “Na epistemologia social de Jesse Shera, na hermenêutica e ética intercultural de Rafael Capurro, no neodocumentalismo de Bernd Frohmann [...]”, dentre outros (BEZERRA, 2020, p. 190). E deita raízes sustentadas em estudos contemporâneos, como nos estudos críticos em informação do pesquisador austríaco Fuchs (2009).

[...] podemos então definir a teoria/estudos críticos da informação como um esforço que se concentra ontologicamente na análise da informação em um contexto de dominação, relações assimétricas de poder, exploração, opressão e controle, empregando epistemologicamente todos os meios teóricos e/ou empíricos necessários para fazê-lo, a fim de contribuir no nível praxiológico para o estabelecimento de uma sociedade participativa e cooperativa. Dada tal definição, a teoria da informação crítica é inerentemente normativa e política. (FUCHS, 2009, p. 2. 249, tradução livre, grifo nosso).

No Brasil, conforme outros, a travessia para a Teoria Crítica da Informação em Ciência da Informação encontra inspiração a partir de estudos dos idos dos anos 1980. No diálogo entre Filosofia e Ciência da Informação de Solange Mostafa, na epistemologia e regime de informação de Maria Nélida González de Gómez, dentre outros (BEZERRA, 2019, 2020). E deita raízes sustentadas em estudos contemporâneos, como nos estudos críticos em informação da Escola de Ciência da Informação do IBICT-UFRJ, em particular, nos estudos críticos em informação de Bezerra (2018, 2019, 2020, 2022).

A teoria crítica da informação que propomos segue os mesmos passos teóricos e metodológicos da teoria crítica, adaptando-os ao campo de investigação dos estudos informacionais por meio da absorção e integração de dois conceitos que vêm sendo discutidos na área, especialmente em congressos e publicações acadêmicas brasileiras: o conceito de regime de informação e o conceito de competência crítica em informação. (BEZERRA, 2020, p. 194, grifo nosso).

Por meio de Fuchs (2009) e outros, na literatura internacional, e de Bezerra (2018, 2019, 2020, 2022) e outros, na literatura nacional, a Teoria Crítica da Informação ganha vida própria, agenda própria, *status* próprio. Com base nesses autores e nos refugiando nos números (BRAPCI, 2022; CAVALCANTE; BUFREM; CÔRTEZ, 2020), se torna possível ler e dizer que esta é uma teoria contemporânea e/ou emergente da Ciência da Informação. Em sendo assim, torna-se compreensível entendê-la como um caminho em construção, teoria em aberto, conceito em desenvolvimento em Ciência da Informação.

## 5 TEORIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO: UM CONCEITO, UMA TEORIA, EM DESENVOLVIMENTO

Erguer uma Teoria Crítica da Informação significa erguer não uma teoria universal, mas uma outra possível. Ou seja, significa erguer não *a*, mas *uma* via teórica crítica e plural para se ler, ver e perceber as coisas do campo da informação. Ou seja, significa erguer um conceito dessa de modo sustentado, finito e aberto a vários contatos. Em tempo algum totalizante, definitivo, indiscutível ou mesmo absoluto. Em tudo provisório, aproximado e breve; expressão de um momento, espaço e tempo; seja ele social, histórico e epistemológico.

A expressão em desenvolvimento revela, em linhas gerais, o espírito de inacabamento, de algo em construção, de algo em movimento. É como este estudo se percebe e concebe seu conceito. Como um conceito em construção, em movimento, em desenvolvimento, aberto a vários contatos. Como um conceito em curso, dentre outros possíveis, junto aos horizontes da Ciência da Informação. Ante isso, com base em uma ideia de teoria informacional crítica, finita, aberta e em construção, de inspiração na Teoria Crítica de Frankfurt, o estudo sugere o seguinte conceito e/ou proposta de conceito de Teoria Crítica da Informação:

*Teoria Crítica da Informação* ergue-se como “uma” via para se perceber e conceber a Ciência da Informação, a informação, e as coisas do campo informacional, em termos mais dialéticos e dialógicos, em termos mais humanos, sociais e crítico-reflexivos, de modo a reafirmar o seu pertencimento de forma decisiva e sustentada à condição de ciência social, muito além de projeções puramente fiscalistas, tecnicistas e positivistas. A teoria informacional crítica percebe o interesse emancipatório como interesse intrínseco ao campo informacional, ou seja, que está no interior da Ciência da Informação. Por fim, a Teoria Crítica da Informação é, em tudo, provisória e aproximada, finita e aberta, crítica e autocrítica, ciente de seu próprio lugar no momento, espaço e tempo, social, histórico, político e epistemológico, no, do e além do campo informacional.

Em termos de feitura, o conceito em tela revela clara e notória inspiração no conceito canônico de Teoria Crítica (HORKHEIMER, 1975). É, em verdade, uma versão conceitual informacional do conceito canônico de Teoria Crítica, no âmbito da Ciência da Informação. Nessas bases, Teoria Crítica da Informação entende a Informação como *lócus* que integra dimensão social e técnica, dimensão subjetiva e objetiva, dimensão técnica, ética e emancipatória do fenômeno. O Cientista Informacional (Auto)Crítico se percebe como indivíduo de práxis consciente de sua tarefa social e das condições que determinam sua atividade. E a Ciência da Informação (Auto)Crítica se percebe como interdisciplinar, aberta a numerosos contatos teórico-metodológicos, e, como práxis da sociedade, essa teoria abraça o papel social real desse campo científico.

Em síntese, sugere-se pensar as seguintes tessituras desta teoria: Teoria Crítica + Teoria marxista/dialética/dialógica + Lógica das humanidades + Teoria crítico-emancipatória + Teoria pluri/interdimensional + Ciência da Informação (Auto)Crítica + Cientista Informacional (Auto)Crítico + Informação-para-emancipação + Integração entre dimensão técnica, dimensão ética e dimensão emancipatória = Teoria Crítica da Informação. Esta equação ergue-se como possibilidade e/ou caminho possível para entender o “X” que fundamenta o interesse, a atuação e a concepção dessa teoria (do conceito em tela).

Convém ressaltar, uma vez mais, que o estudo se distancia de toda e qualquer pretensão universalizante e/ou totalizante quanto ao/à tema/termo/conceito/teoria. Aqui se converte firmemente à tese de Fernando Pessoa (1996). Qual seja, Teoria Crítica da Informação não é uma ideia deste estudo. O conceito Teoria Crítica da Informação em tela é que é uma ideia deste estudo, parafraseando o poeta português (PESSOA, 1996).

Em síntese, desejamos ver cada vez mais sólidos os caminhos da Ciência da Informação para o avanço do pensamento crítico, em suas várias direções. Em particular, esperamos ver cada dia mais firmes os laços e elos entre Ciência da Informação, Teoria Crítica e Teoria Crítica da Informação, hoje e amanhã.

## 6 TEORIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO PARA O NOSSO CAMPO E O NOSSO TEMPO: REFLEXÕES FINAIS

Distantes de pretensões definitivas e inexoráveis, esforçamo-nos, com este estudo, a pensar e problematizar o papel e o significado da Teoria Crítica da Informação junto à Ciência da Informação. Propusemo-nos, com esta investigação, a discutir e reflexionar o atual estado de coisas de nosso tempo, e, sobretudo, de nosso campo informacional.

Chegados aqui, que lições nos cabe tirar da Teoria Crítica, e de sua versão informacional, da Teoria Crítica da Informação, ante questões e desafios de nosso campo e de nosso tempo? Questões e desafios tais como obscurantismo, revisionismo, negacionismo, *fake news*, pós-verdade, desinformação, entre outros? À luz da Teoria Crítica da Informação, é possível sugerir, sem encerrar, algumas respostas possíveis.

Em tempos de obscurantismo, a via do esclarecimento ergue-se mais atual do que nunca como saída possível, no presente e no futuro, entende a teoria informacional crítica. Algo direta e/ou indiretamente em linha com a proposta kantiana e/ou entre nós desde Kant (2022). E algo direta e/ou indiretamente em linha com as propostas de “Alfabetização Midiática e Informacional” (AMI) e de “Formação de Mentes Críticas em Tempos Críticos”, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). (WILSON, C. *et al.*, 2013; IRETON; POSETTI, 2019; NOLETO, 2021).

Em tempos de negacionismo, a via da educação científico-crítico-ético-informacional, da competência em informação e da competência crítica em informação ergue-se mais vital do que nunca como caminho viável, hoje e amanhã, percebe a teoria informacional crítica. Algo direta e/ou indiretamente em linha com as propostas de “Alfabetização Midiática e Informacional” (AMI) e de “Formação de Mentes Críticas em Tempos Críticos”, da UNESCO. (WILSON, C. *et al.*, 2013; IRETON; POSETTI, 2019; NOLETO, 2021).

Em tempos de revisionismo, a via da educação histórico-crítico-ético-informacional ergue-se mais válida do que nunca como saída possível, no presente e no futuro, compreende a teoria informacional crítica. Algo direta e/ou indiretamente em linha com as propostas de “Alfabetização Midiática e Informacional” (AMI) e de “Formação de Mentes

Críticas em Tempos Críticos”, da UNESCO. (WILSON, C. *et al.*, 2013; IRETON; POSETTI, 2019; NOLETO, 2021).

Em um “mundo pós”, pós-pensamento, pós-ética, pós-verdade, a via da volta/atualização do olhar crítico, ético e vigilante iluminista e/ou da volta/atualização do projeto/paradigma iluminista inacabado ergue-se mais válida do que nunca como saída possível, no presente e no futuro, sugere a teoria informacional crítica. Algo direta e/ou indiretamente em linha com a proposta de volta/atualização dos ideais iluministas do “projeto da modernidade”, segundo alguns, um “projeto inacabado”, ideia defendida por Habermas (2000), entre outros.

Em tempos de desinformação e de *fake news*, a via da educação crítico-ético-informacional, da competência em informação e/ou da competência crítica em informação ergue-se mais atual do que nunca como caminho vital, no presente e no futuro, admite a teoria informacional crítica. Algo direta e/ou indiretamente em linha com as propostas de “Alfabetização Midiática e Informacional” (AMI) e de “Formação de Mentis Críticas em Tempos Críticos”, da UNESCO. (WILSON, C. *et al.*, 2013; IRETON; POSETTI, 2019; NOLETO, 2021). E algo direta e/ou indiretamente em linha com as propostas de “Competência Crítica em Informação”, de estudos críticos em informação (BEZERRA, 2015; BEZERRA; DOYLE, 2017; BEZERRA, 2018; BEZERRA, 2019; BEZERRA, 2020; BEZERRA; SCHNEIDER, 2022; FUCHS, 2009).

Ou seja, via Teoria Crítica da Informação, é preciso assumir a tarefa dialética e dialógica de traçar um diagnóstico crítico, analítico e vigilante do tempo presente, em busca de possíveis saídas, vias de superação, horizontes de emancipação, de algum prognóstico de futuro possível. Em virtude disso, enveredamo-nos a defender que o campo avance rumo à Teoria Crítica da Informação. Ela pode ir além junto aos estudos e às pesquisas da Ciência da Informação. A Teoria Crítica da Informação pode ser mais junto às tendências e aos tópicos teóricos, metodológicos e temáticos da Ciência da Informação. Ela pode ir muito além, pode deitar raízes muito mais sólidas, firmes e/ou sustentadas junto à Ciência da Informação.

Esperamos, portanto, que as inquietações, os trajetos e as reflexões delineados por este estudo somem-se a outros e possam fundamentar o projeto e outras possibilidades de estudos críticos em Ciência da Informação. Entendemos que, quanto mais estrelas (teóricos e teorias críticas) se somarem para iluminar questões e desafios de nosso tempo e de nosso campo, mais claro será o caminho para enfrentá-los e/ou mesmo superá-los no presente e no futuro, parafraseando o poeta Felice Leonardo Buscaglia (2013). Desejamos, em verdade, que os estudos e as investigações do campo se lancem na direção de temas como técnica, ciência, ética, ideologia, dialética, bem-estar social e emancipação social, entre outros, caros à Teoria Crítica e à Teoria Crítica da Informação, centrais para trazer luz e/ou mesmo fazer frente às questões e desafios de nosso tempo e de nosso campo, hoje e amanhã.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. A. A. **O que é Ciência da Informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.

BACHELARD, G. A filosofia do não. *In*: BERGSON, H. Cartas, Conferências e outros escritos; BACHELARD, G. **A filosofia do não**; O novo espírito científico; A poética do espaço. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Os pensadores, 38).

BASE DE DADOS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (BRAPCI), 1979-2023. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br>. Acesso em: 15 fev. 2023.

BERNERS-LEE, T. 30 years on, what's next #ForTheWeb? **World Wide Web Foundation**, 12 mar. 2019. Disponível em: <https://webfoundation.org/2019/03/web-birthday-30/>. Acesso em: 12 jun. 2023.

BEZERRA, A. C. Contribuição da Teoria Crítica aos estudos sobre regime de informação e competência crítica em informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., Londrina. **Anais [...]**. Londrina: ANCIB, 2018.

BEZERRA, A. C. Da teoria matemática à teoria crítica da informação: a integração dos conceitos de regime de informação e competência crítica em informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 182-201, set. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/25511/19914>. Acesso em: 12 jun. 2021.

BEZERRA, A. C. Teoria Crítica da Informação: proposta teórico-metodológica de integração entre os conceitos de regime de informação e competência crítica em informação. *In*:

BEZERRA, A. C. *et al.* (orgs.). **iKritika**: estudos críticos em informação. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

BEZERRA, A. C. Vigilância e filtragem de conteúdo nas redes digitais: desafios para a competência crítica em informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: ANCIB, 2015.

BEZERRA, A. C.; DOYLE, A. Competência crítica em informação e participação ética em comunidades de aprendizagem. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: ANCIB, 2017.

BEZERRA, A. C.; SCHNEIDER, M. (orgs.). **Competência crítica em informação**: teoria, consciência e práxis. Rio de Janeiro: IBICT, 2022.

BUSCAGLIA, L. **Vivendo, amando e aprendendo**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

BUTLER, J. “Negar as ciências humanas nos deixa à deriva num mundo movido por forças econômicas” [entrevista concedida a Audrey Furlaneto]. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 fev. 2020.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAPURRO, R. Apresentação. *In*: SALDANHA, G (org.). **Ciência da Informação**: crítica epistemológica e historiográfica. Rio de Janeiro: IBICT, 2020.

CAPURRO, R. Blurb. *In*: BEZERRA, A. C. *et al.* **iKritika**: estudos críticos em informação. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

CAVALCANTE, A. V. B. **Teoria Crítica da Informação**: Teoria Crítica em Ciência da Informação no caminho da Escola de Frankfurt. 2023. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2023.

CAVALCANTE, A. V. B.; BUFREM, L. S.; CÔRTEZ, G. R. A Escola de Frankfurt e a Ciência da Informação. **Logeion**: Filosofia da informação, Rio de Janeiro, v. 6 n. 2, p. 40-60, mar./ago. 2020. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/5101/4541>. Acesso em: 12 mar. 2023.

CHOMSKY, N. The false promise of ChatGPT. **The New York Times**, Nova York, 8 mar. 2023. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/03/08/opinion/noam-chomsky-chatgpt-ai.html>. Acesso em: 15 jul. 2023.

DEMO, P. **Pesquisa e construção de conhecimento**: metodologia científica no caminho de Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL (FEM) (SUIÇA). Critical thing ignoring brain, **FEM**, Genebra, 20 maio 2023. Disponível em: <https://www.weforum.org/agenda/2023/02/critical-thinking-ignoring-brain/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

FUCHS, C. Towards a Critical Theory of Information. **TripleC**, Salzburgo, v. 7, n. 2, p. 243-292, 2009.

HABERMAS, J. **Dialética e hermenêutica**: para a crítica da hermenêutica de Gadamer. Porto Alegre: L&PM, 1987.

HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: Dom Quixote, 2000.

HARARI, Y. N. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HARARI, Y. N. Expert ESG - Lições para o Mundo pós Coronavírus com Yuval Harari [entrevista concedida a Betina Roxo e Laio Santos]. **Canal @XP\_Oficial** [YouTube], 4/3/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jEHckx03A70>. Acesso em: 11 ago. 2022.

HORKHEIMER, M. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: BENJAMIN, W. *et al.* (orgs.). **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Coleção Os Pensadores)

IRETON, C.; POSETTI, J. **Jornalismo, fake news & desinformação**: manual para Educação e Treinamento em Jornalismo. Brasília: UNESCO, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647>. Acesso em: 18 jul. 2022.

KANT, I. **Resposta à pergunta**: o que é “esclarecimento”? São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2022.

MARTELETO, R. Prefácio. In: BEZERRA, A. C. et al. **iKritika**: estudos críticos em informação. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

MORIN, E. ‘A educação não pode ignorar a curiosidade das crianças’ [entrevista concedida a Andrea Rangel]. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 ago. 2014.

NEWTON, I. Carta de Isaac Newton a Robert Hooke em 5 de fevereiro de 1675. **Biblioteca Digital da Sociedade de História do Estado da Pensilvânia** (Estados Unidos). Disponível em: <https://digitallibrary.hsp.org/index.php/Detail/objects/9792>. Acesso em: 13 fev. 2022.

NOLETO, M. Precisamos de ‘mentes críticas em tempos críticos’, diz diretora da Unesco [entrevista concedida a Naief Haddad]. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 abr. 2021.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE) (FRANÇA). Fostering Students' Creativity and Critical Thinking, **OCDE**, Paris, 24 oct. 2019. Disponível em: <https://www.oecd.org/education/fostering-students-creativity-and-critical-thinking-62212c37-en.htm>. Acesso em: 14 ago. 2021.

PESSOA, F. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

SALDANHA, G. Sem e cem teorias críticas: autorretrato da teoria social e o método da crítica nos estudos informacionais, uma bibliografia benjaminiana aberta. *In*: BEZERRA, A. C. *et al.* **iKritika**: estudos críticos em informação, Rio de Janeiro: Garamond, 2019. p. 171-240.

SHANNON, C.; WEAVER, W. **The Mathematical Theory of Communication**. Chicago: London: The University Press, 1949.

WILSON, C. *et al.* **Alfabetização midiática e informacional**: currículo para formação de professores. Brasília: UNESCO, UFMT, 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000220418>. Acesso em: 15 jul. 2022.